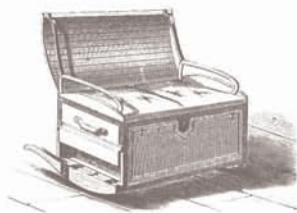




PÁSSAROS NA BOCA

CONTOS



SAMANTA SCHWEBLIN



«Uma das vozes mais potentes
da nova narrativa argentina.
A herdeira de Bioy Casares.»

El Mundo



cavallo de ferro

PÁSSAROS NA BOCA

SAMANTA SCHWEBLIN
PÁSSAROS NA BOCA

Tradução

Sofia Castro Rodrigues

Virgílio Tenreiro Viseu



cavalo de ferro

Título original: Pájaros en la boca

© SAMANTA SCHWEBLIN, 2002, 2009 (Irman, Mujeres desesperadas, En la estepa, Pájaros en la boca, Perdiendo velocidad, Cabezas contra el asfalto, Hacia la alegre civilización, El cavador, La furia de las pestes, Sueño de revolución, Matar a un perro, La medida de las cosas, La verdad acerca del futuro, La pesada valija de Benavides, Conservas, Mi hermano Walter, Papá Noel duerme en casa, Bajo tierra)

© **Cavalo de Ferro Editores, 2011**

para a publicação em território português

Revisão: Maria Aida Moura

Paginação: Finepaper

1.^a edição, Fevereiro de 2011

ISBN: 978-989-623-144-6

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

MULHERES DESESPERADAS

Ao espreitar para a estrada, Felicidad compreende o seu destino. Ele não esperou por ela e, como se o passado fosse tangível, ela julga ver no horizonte o débil reflexo avermelhado das luzes traseiras do automóvel. Na escuridão plana do campo há apenas desilusão e um vestido de noiva.

Sentada numa pedra ao lado da porta da casa de banho, conclui que não devia ter demorado tanto, que as coisas talvez devessem ter acontecido mais depressa. Parece-lhe estranho estar ali, a tirar baguinhos de arroz do bordado do vestido, sem mais nada para além do campo, da estrada e de uma casa de banho para senhoras, perto da estrada.

Passa um tempo durante o qual Felicidad consegue tirar todos os baguinhos de arroz. Ainda não chora, absorta num choque de abandono, corrige as pregas do vestido, analisa as unhas e contempla, como quem espera o regresso, a estrada pela qual ele se afastou.

— Não voltam — diz Nené, e Felicidad grita espantada pelo susto como se aquela mulher que agora olha para ela fosse um espectro maligno.

— A estrada é uma merda — diz Nené que, habituada à histeria feminina, não faz caso dos gritos de Felicidad e, com movimentos descontraídos, acende um cigarro. — Uma merda, do pior.

Felicidad consegue controlar-se e, entre os restos do tremor, volta a compor as alças do vestido.

— O primeiro? — pergunta Nené e espera, sem apreço, que a coragem de Felicidad lhe permita parar de tremer,

para olhar para ela com interrogação. — Pergunto-te se o tipo é o teu primeiro marido.

Felicidad consegue esboçar um sorriso forçado. Descobre em Nené o rosto velho e amargo de uma mulher que certamente foi muito mais bonita do que ela. Entre as marcas de uma velhice prematura, conservam-se os olhos claros e uns lábios de dimensões perfeitas.

— Sim, o primeiro — diz Felicidad com aquela timidez que transporta o som para dentro.

Uma luz branca aparece na estrada, ilumina-as ao passar, e esfuma-se com o seu tom avermelhado.

— E agora? Vais ficar à espera dele? — pergunta Nené.

Felicidad olha para a estrada, para o lado pelo qual, se o marido regressasse, veria aparecer o carro, e não consegue responder.

— Olha — diz Nené, — vou ser rápida porque isto não dá para mais. — Pisa o cigarro como que enfatizando as frases. — Cansam-se de esperar e deixam-te, parece que esperar os esgota.

Felicidad segue cuidadosamente o movimento repetitivo de um novo cigarro que a mulher aproxima da boca, do fumo que se mistura com a escuridão, dos lábios que mais uma vez apertam o cigarro.

— Então elas choram e esperam por eles... — continua Nené, — e esperam por eles... É acima de todas as outras coisas, e durante todo o tempo, choram, choram e choram.

Felicidad deixa de seguir o percurso do cigarro. Quando mais precisa do apoio fraterno, quando só outra mulher poderia entender o que ela sente ao lado de uma casa de banho para senhoras, na estrada, depois de ter sido abandonada pelo seu recente esposo,

só tem aquela mulher arrogante que antes falava com ela e agora lhe grita.

— E continuam a chorar e a chorar a cada hora, a cada minuto de todas as malditas noites!

Felicidad respira profundamente, os seus olhos enchem-se de lágrimas.

— E choram sem parar... E vou dizer-lhe uma coisa. Isto tem de acabar. Estamos cansadas, esgotadas, de ouvir as suas estúpidas desgraças. Nós, menina... Como é que disse que se chamava?

Felicidad quer dizer Felicidad, mas sabe que se abrir a boca só sairá o som de um pranto agora impossível de conter.

— Olá... Chamava-se...?

Nesse momento o pranto é impossível de conter.

— Fe, li... — Felicidad tenta controlar-se e, embora não o consiga, termina a frase: — ... cidad.

— Bom Feli-cidad, dizia-lhe eu que nós não podemos continuar a suportar esta situação, isto tem de acabar, já é insustentável, Felicidad!

Depois de uma grande aspiração também ruidosa, o pranto volta a expandir-se e humedece todo o rosto de Felicidad que treme ao respirar e nega com a cabeça.

— Não posso acreditar que... — Felicidad respira, — que me tenha...

Nené levanta-se. Esmaga na parede, com força, o cigarro que ainda não acabou, olha com desprezo para Felicidad e afasta-se.

— Desrespeitosa! — grita-lhe e, alguns segundos depois, levanta-se também ela e alcança-a campo adentro.

— Espere... Não se vá embora, escute...

Nené pára e olha para ela.

— Cale-se — diz Nené e acende outro cigarro. — Cale-se, estou-lhe a dizer, e ouça.

Felicidad pára de chorar e engole o que poderiam ser os começos de novas explosões de pena que se avizinham e aguardam impacientes.

Então há um momento de silêncio no qual Nené não sente alívio mas antes, ainda mais aflita e nervosa do que antes, diz:

— Bom, agora ouça. Sente-o? — Nené olha para o campo.

Agora Felicidad faz um verdadeiro silêncio e concentra-se.

— Chorou demais, agora tem de esperar que o ouvido se habitue. E... Ouve?

Felicidad olha para o campo e inclina um pouco a cabeça. Como os cães, pensa Nené, e espera impaciente que Felicidad por fim compreenda.

— Choram... — diz Felicidad, em voz baixa, e quase com vergonha.

— Sim. Choram. Sim, choram! Choram toda a maldita noite! — Nené aponta para o seu rosto: — Não vês a minha cara? Quando é que dormimos? Nunca!, nun-ca. A única coisa que fazemos é ouvi-las todas as malditas noites. E não vamos mais suportar isso, está a ouvir?

Felicidad olha para ela, assustada. No campo, vozes e prantos de mulheres queixosas repetem os nomes dos seus maridos uma e outra vez.

— Foram todas abandonadas?

— E todas choram! — diz Nené.

Então gritam:

— Psicótica.

— Desgraçada, insensível.

E juntam-se outras vozes:

— Deixa-nos chorar, histérica.

Nené olha furiosa para todos os lados. Nervosa e ainda mais irritada do que antes, grita para o campo:

— E nós, mariquinhas...? E nós, que estamos cá há mais de quarenta anos, também abandonadas, e temos de ouvir as vossas estúpidas peninhas todas as malditas noites, hem? E nós?

Há um silêncio durante o qual Felicidad olha com espanto para Nené.

— Vai tomar um calmante! Louca!

Embora estejam campo adentro, vêem que na estrada, à sua altura, uma luz branca se detém, diante da casa de banho.

— Outra — diz Nené e, como se este episódio fosse o último que consegue suportar, o seu corpo descontraí-se. Nené, esgotada, senta-se no chão.

— Outra? — pergunta Felicidad. — Outra mulher? Mas... Vai abandoná-la? Está ali à espera dela...

Nené morde os lábios e nega. No campo, os gritos são cada vez menos amistosos.

— Vem, tontinha! Vejamos se vens e dás a cara...

— Vem agora que não estás com as tuas amiguinhas rebeldes...

— Sonsa!

Felicidad pega na mão de Nené e tenta levantá-la.

— Temos de fazer alguma coisa! Temos de avisar aquela pobre rapariga! — diz Felicidad.

Mas depois detém-se e fica em silêncio, porque Felicidad viu, como quem vê sem estar preparado, a imagem exacta do seu penoso passado recente, o carro que se afasta sem que a mulher que saiu tenha tido oportunidade de voltar a entrar, e a forma como as luzes, antes brancas e brilhantes, agora avermelhadas, se afastam.

— Foi-se embora — diz Felicidad, — foi-se embora sem ela. — E como antes fizera Nené, deixa que o seu corpo caia no chão. Nené poussa a sua mão sobre a mão de Felicidad.

— É sempre assim, querida. É inevitável. Na estrada, pelo menos... sempre.

— Mas... — diz Felicidad.

— Sempre — diz Nené.

— Onde estás, tonta? Fala!

Felicidad olha para Nené e compreende quão maior é a tristeza daquela mulher comparada com a sua.

— Infeliz!

— Velha feia!

— Quando tu já cá estavas a chorar nós ainda saíamos com eles, desgraçada!

Algumas vozes param de gritar para se rirem.

— Deixem-na em paz! — diz Felicidad. Aproxima-se de Nené e abraça-a como se abraça uma menina.

— Ai... que medo — diz uma das vozes, — com que então agora tens coleguinha...

— Eu não sou coleguinha de ninguém — diz Felicidad, — só estou a tentar ajudar...

— Ai... só está a tentar ajudar...

— Calem-se! — diz Nené, e ao fazê-lo agarra-se aos braços de Felicidad, como se precisasse de mais força para além da sua para enfrentar aquelas mulheres.

— Sabem porque é que a deixaram na estrada?

— Porque é uma morsa magra!

— Não, deixaram-na porque... — riem, — porque enquanto ela experimentava o vestidinho de noiva, nós já nos deitávamos com o maridinho...

Todas se riem.

— Olhem, ali vem outra...

As vozes ouvem-se cada vez mais próximas. Torna-se difícil separar as que choram das que se riem.

Da casa de banho da estrada, a figura de uma mulher pequena avança a passo lento em direcção a Nené e Felicidad.

— Tonta!

À medida que a mulher se aproxima descobrem a cara de horror de uma velha que pouco compreende. Vestida em tons dourados, deixa ver no seu decote a sensual renda negra de uma peça de roupa interior. De tempos a tempos, pára e contempla a estrada. Já perto, antes de lhe conseguir perguntar alguma coisa, Felicidad adianta-se com a voz entrecortada pela angústia.

— Sempre. Na estrada sempre, avó.

A velha endireita a postura e olha indignada para a estrada.

— Mas como...?

Felicidad interrompe-a:

— Não chore, por favor...

— Mas não pode ser... — diz a velha e, com a desilusão, da sua mão cai a certidão de casamento. Olha com desprezo para a estrada pela qual o carro partiu e diz «desavergonhado, velho impotente»...

— Vem cá, tonta!

— Porque é que não se calam, catatuas? — grita Nené. A velha olha para ela com espanto.

— Gralhas! — Nené insiste e levanta-se com violência.

— Vamos apanhar-te, cobra!

Em busca de compreensão, a velha olha para Felicidad que, à semelhança de Nené, se levantou e estuda com angústia a escuridão do campo.

— Mostra a cara, anda — as vozes das mulheres ouvem-se cada vez mais próximas.

Felicidad e Nené entreolham-se. Debaixo dos pés sentem o tremor de um campo pelo qual avançam centenas de mulheres desesperadas.

— O que é que está a acontecer? — pergunta a velha, — o que são estas vozes, o que é que querem? — ela acoco-

ra-se, pega na certidão e, tal como Felicidad e Nené, retrocede em direcção à estrada, sem se virar para trás, sem perder de vista a massa negra da escuridão do campo que parece aproximar-se delas cada vez mais.

— Quantas são...? — pergunta Felicidad.

— Muitas — diz Nené, — demasiadas.

Os comentários e os insultos são tantos e tão próximos que é inútil responder ou tentar chegar a um acordo.

— O que é que fazemos? — diz Felicidad. No tom da sua voz, os sinais do pranto contido. Retrocedem cada vez mais depressa.

— Que não te passe pela cabeça chorar — diz Nené.

A velha dá o braço a Felicidad, agarra-se ao vestido de noiva e apanha-o com as suas mãos nervosas.

— Não se assuste, avó, está tudo bem — diz Felicidad, mas a chacota é já tão forte que a velha não consegue ouvir.

Na estrada, ao longe, um ponto branco cresce como uma nova luz de esperança. Talvez Felicidad pense agora, pela última vez, no amor. Talvez pense para si mesma: que não a deixe, que não a abandone.

— Que sim, para entrarmos — grita Nené.

— O que é que ela diz? — pergunta a velha.

Já estão perto da casa de banho.

— Que, se o carro parar... — diz Felicidad.

— Como? — insiste a velha.

O burburinho avança sobre elas. Não as vêem, mas sabem que as mulheres estão ali, a poucos metros. Felicidad grita. Qualquer coisa como mãos, pensa, roça-lhe as pernas, o pescoço, a ponta dos dedos. Felicidad grita e não entende as ordens de Nené que se afastou e lhe faz sinal para agarrar na velha e correr. O carro pára diante da casa de banho. Nené volta-se na direcção de

Felicidad e ordena-lhe que avance, que arraste a velha. Mas é a velha quem reage e arrasta Felicidad na direcção de Nené, que espera que a mulher saia para se sentar ela e obrigar o homem a conduzir.

— Não me larguem, não me larguem — grita Felicidad enquanto afasta, desesperada, as últimas mãos que a retêm.

A velha empurra. Mais uma vez, deixou cair a certidão de casamento e agora puxa por Felicidad com todas as suas forças porque já nada importa, pensa, nem a certidão, nem a renda, nem o pouco amor que julgou ter conseguido.

Nené espera ansiosa que a porta se abra, que a mulher saia. Ela sabe, pensa Nené, sabe e não sai. Mas quem sai é ele. Com as luzes a recortar o caminho, ainda não viu as mulheres e sai apressado, procurando nas calças o fecho com que abrirá a braguilha. Então o barulho aumenta. Os risos e a chacota esquecem-se de Nené e dirigem-se pura e exclusivamente para ele. Chegam aos seus ouvidos. Nos olhos do homem, o terror de um coelho diante das feras. Pára mas já é tarde. Nené entrou no carro. Abre a porta de trás, pela qual entram agora Felicidad e a velha, e ao mesmo tempo segura a mulher que a olha com espanto e tenta escapar.

— Segurem-na — diz Nené, e solta a mulher para a deixar nas mãos da velha que, sem fazer perguntas, obedece à ordem.

— Se quiser sair, deixem-na — diz Felicidad, — talvez eles gostem um do outro e nós não temos nada que nos meter.

A mulher consegue escapar à velha mas não sai, diz o que é que querem, de onde vêm, uma pergunta atrás da outra, até que Nené lhe abre a porta e, com um gesto, lhe dá oportunidade de sair.

— Sai, rápido — diz-lhe.

No carro, ouvem-se os gritos das mulheres e diante delas permanece, descolada da escuridão pelas luzes do carro, a figura imóvel e aterrada de um homem que já não pensa na mesma coisa na qual pensara pouco tempo antes.

— Não saio nada — diz a mulher. Olha para o homem sem apreço e depois para Nené: — Arranca antes que ele volte — diz, e tranca a porta do seu lado.

Nené liga o motor. O homem ouve o automóvel e volta-se para olhar.

— Arranca! — grita a mulher.

A velha aplaude, nervosa, diz «dá-lhe mulher» e aperta com firmeza a mão de Felicidad que, com espanto, olha para o homem que se aproxima. Com as duas rodas laterais fora da estrada, o carro patina sobre a lama. Nené manobra o motor descontrolado e por um momento os faróis do carro iluminam o campo. Mas o que nessa altura se vê não é exactamente o campo: a luz do carro perde-se na imensidão da noite mas é suficiente para distinguir na escuridão a massa descomunal de centenas e centenas de mulheres que correm para o carro, ou melhor dizendo, para o homem que, entre elas e a multidão, aguarda imóvel a sua chegada tal como se espera a morte.

Uma pisadela da mulher sobre o pé de Nené activa o acelerador e, com a imagem das mulheres já sobre o homem, Nené consegue fazer o carro regressar à estrada. O motor esconde os gritos e a chacota e depressa tudo é silêncio e escuridão.

A mulher acomoda-se no assento.

— Nunca gostei dele — diz a mulher, — quando saiu, pensei em pegar no volante e deixá-lo na estrada, mas não sei, o instinto maternal...

Nenhuma das mulheres lhe presta atenção. Todas, incluindo ela agora, preferem ver o pequeno espaço da estrada que as luzes desenham e permanecer em silêncio. É então que acontece.

— Não pode ser — diz Nené.

Diante delas, ao longe, o horizonte começa a iluminar-se com pequenos pares de luzes brancas.

— O quê? — diz a velha. — O que é que se passa?

A mulher permanece em silêncio e olha fixamente para Nené, como se esperasse dela a resposta.

Os pares de luzes crescem, avançam depressa para elas. Felicidad espreita entre os bancos da frente.

— Voltam — diz, sorri e olha para Nené.

Na estrada, Nené contempla os primeiros pares de luzes que passam, já como carros, perto delas, e os muitos outros que se vão aproximando. Acende um cigarro e repara, por trás do seu assento, nos movimentos alegres de Felicidad.

— São eles — diz Felicidad, — arrependeram-se e voltam para as ir buscar.

— Não — diz Nené, soltando uma baforada de fumo e acrescentando: — Voltam por ele.

*Livro vencedor do Prémio Nacional das Artes e
do Prémio Casa das Américas.*

*Autora considerada pela prestigiada revista GRANTA
um dos melhores jovens autores hispano-americanos.*

« Samanta Schweblin é uma das vozes mais promissoras da actual literatura de língua espanhola. Não há a mínima dúvida de que esta escritora tem uma brilhante carreira pela frente.»

Mario Vargas Llosa, Prémio Nobel de Literatura 2010

« Samantha Schweblin - argentina de 30 anos de idade - é dotada de um talento extraordinário para a forma breve e de uma imaginação fantástica. Atenta a Borges, Bioy Casares e Cortázar, os seus contos remexem no quarto dos fundos onírico da vida afectiva, nos enredos familiares, na relação entre homem e mulher, entre pais e filhos. Concisas, penetrantes, precisas, algumas das histórias deste volume são puros rasgos de visionário. Outras, aparentemente mais banais, movem-se sobre o fio subtil do insólito e do inquietante. »

La Repubblica

«Uma nova voz, autêntica,
original e poderosa, onde podemos encontrar
a melhor tradição do conto.»

La Vanguardia



ISBN 978-989-623-141-5
9 789896 231415



cavalo de ferro